A CONVERSÃO DE PAULO*

Rogério Régis de Azevedo**

Resumo: *o desafio deste artigo é tentar mostrar as razões que levaram à conversão de Paulo sem, contudo, cair na tentação de mostrar uma conclusão clássica sobre o assunto. Levantamos a problemática da Lei, conectada ao rigor do seu cumprimento exigida pelo seguimento farisaico. Paulo nega dois princípios comuns como modelo de salvação: a eleição de Israel e a fidelidade à lei mosaica (Gl 3,8; 21; 2,21). A Igreja é para todos: judeus e gregos, escravos e livres, homens e mulheres. É o plano de Deus ter misericórdia de todos, pela fé em Cristo.*

Palavras-chave: *Paulo. Lei. Conversão. Cidade de Tarso. Estêvão.*

O que leva uma pessoa a reinterpretar sua fé ou mudar totalmente de rumo, fazer uma conversão, ou um processo metanóico na sua vida? Por que Saulo, um judeu da diáspora, cônscio de sua responsabilidade legal e religiosa de um fariseu, se converteu para o cristianismo? Esta não é e não será uma indagação simples de responder.

Poderíamos citar razões sociais e políticas, como fortes argumentos para um judeu rebelar-se e lutar pela liberdade do jugo romano e cuidar dos seus pobres; razões antropológicas, de um Deus humanizado

* Recebido em: 12.08.2011.
Aprovado em: 27.08.2011.

* Mestrando em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Graduado em Teologia pela PUC Goiás e em Letras pela Universidade de Brasília.

e libertador; ou etnológicas, que implicaria na autodefesa da cultura de seu povo. Certamente não há uma razão, um olho do furacão, mas razões para entender o movimento de Saulo, as quais causaram tamanha e desconcertante mudança na História da Salvação. Se bem que há quem afirme que a Teologia paulina só seria apreciada adequadamente pelos destinatários de suas cartas, como a revelação e a graça funcionavam, por exemplo, se for entendida sua antropologia: "Pois o coração da sua teologia, e, aliás, da sua religião como um todo, foi o impacto da revelação e da graça divina sobre o ser humano", conforme Dunn (2003, p. 80).

Para um historiador certamente não seria fácil se se propusesse escrever a biografia de uma personagem de poucos registros históricos e críticos. O´Connor (2000, p. 17-46) elaborou uma estrutura cronológica que situa a "vida e o mistério de Paulo na história do século I" a partir do que disse o próprio Paulo e do que apresenta Lucas nos Atos dos Apóstolos. Contudo, reconhece que os resultados são "inconcludentes". Portanto, a História definitivamente não é a via deste trabalho.

O caminho da Teologia nos parece mais apropriado para criar condições e debater acerca da crença de Paulo. É a Teologia, por conseguinte, que pode, com menos dificuldade, mostrar-nos algumas possibilidades para compreender a conversão de Paulo, as razões porque um homem caçador se transformou em caça e mudou de uma vez por todas a doutrina cristã. E é este o caminho que trilharemos, sem pretensões audaciosas dos mestres das ciências da religião, mas com o esforço de um iniciante no ramo acadêmico, aficionado pela Teologia, tendo sob os seus pés a trilha já bem funda pelas pegadas de tantos que por aí já passaram.

QUEM É PAULO

"Eu sou judeu, de Tarso na Cilícia, cidadão de uma cidade de algum renome", "mas criei-me nesta cidade [em Jerusalém]" (At 21,39; 22,3)[1].

Paulo[2] provavelmente nasceu no ano 6 ou 5 a.C, na cidade de Tarso, capital da Cilícia, parte oriental da Ásia Menor, de acordo com as informações de Fabris (2001, p. 18) e O´Connor (2008, p. 19) (onde hoje se encontra a Turquia), como informa Lucas na segunda parte de seus escritos (At 9,11; 21,39). Era "israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim" (Rm 11,1). "circuncidado ao oitavo dia, da raça de Israel, [...], hebreu, filho de hebreus; quanto à Lei, fariseu, quanto ao zelo, perseguidor de Igreja, quanto à justiça que há na Lei, irrepreensível" (Fl 3,5-6).

Cidadão romano por direito natural, conforme ele mesmo atestara em resposta a um tribuno: "[...] sim, [...] eu a [cidadania romana] tenho por nascimento" (At 22,27-29). Em 42 a.C. o general romano Marco Antônio concedera a Tarso imunidade aos impostos romanos e liberdade, confirmada por Augusto em 31 a.C. depois da batalha de Actio (ou Ácio). Por conseguinte, embora fizesse parte de uma província romana, era autônoma e não estava sujeita a pagar tributo a Roma. As tradições democráticas da cidade-estado grega de longa data estavam estabelecidas no tempo de Paulo, conforme O´Connor (2000, p. 48). Portanto, a cidadania romana outorgada a Paulo, desde o nascimento, pode ter origem no direito do tarsense nato ou por herança de seus ascendentes. Estas são apenas possibilidades para explicar a questão da cidadania. A importância do cidadão romano estava no privilégio de não ser açoitado nem crucificado e na isenção de algumas taxas.

Tinha como sustento a fabricação de tendas (At 18,3), profissão certamente herdada de seu pai. Paulo defendia o direito de subsistência aos que semeiam os "bens espirituais" (1Cor 9,1-14), mas preferiu trabalhar para a sua manutenção, e o fazia para dar exemplo aos demais evangelizadores (1Cor 4,12; 2Cor 12,13-14).

Viveu sob o impacto da Filosofia grega, no eixo cultural de Tarso, Alexandria e Atenas. O mundo da ciência do ocidente e oriente se cruzavam nas "Portas Cilicianas". Os paralelismos em suas cartas com os escritos de Fílon de Alexandria, seu contemporâneo, e os discursos sobre a ressurreição (1Cor 15,35ss), sobre os falsos doutores (Tt 1,12) e no Aerópago (At 17,22-30), comprovam que Saulo conhecia a mentalidade dedutiva e conceitual da Filosofia[3], conforme Flores (1996, p. 18). No Aerópago, criticou simultaneamente o que teria dito Arato, poeta originário da Cilícia, e o estóico Cleanto (ou Cleantes), no Hino a Zeus (século III, a.C.): "Pois de ti temos origem e obtivemos a imagem de deus"[4] (KLAUCK, 2011, p. 114-115), isto é, semelhantes à divindade de ouro, prata ou pedra, teriam dito eles. Paulo concorda que somos da raça de Deus, conforme Atos dos Apóstolos 17,28-29, mas não da raça de um deus produzido por artifícios humanos[5]. Essas palavras de Paulo remetem ao discurso de Estevão, que disse que Deus não habita em contruções de mãos humans (At 7,48-50). Fabris (2001, p. 343) diz que "expressãos análogas, embora fora do horizonte da criação do universo por parte de Deus, podem ser encontradas nos pensadores e escritores gregos e latinos, desde Platão até Plutarco, de Eurípedes a Sênca".

O livro dos Atos traz informações sobre a personalidade de Paulo, o qual, mesmo que tenha uma concepção histórica, refere-se a um texto teológico, de gênero literário narrativo. O texto, não necessariamente lucano, pretende apresentar os apóstolos Pedro e Paulo como testemunhos de Jesus, o Cristo das Escrituras (FABRIS, 2001, p. 5; O'CONNOR 2000, p. 47; QUESNEL, 2004, p. 12). A missão primeira dos apóstolos era a de testemunhar sob orientação do Espírito Santo, conforme Atos 1,8: "Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria, e até os confins da terra".

Não seria demais lembrar que a Filosofia da cidade de Tarso era considerada estóica[6], pagã, e Saulo deve ter convivido com as ideias de pelo menos meia dúzia desses pensadores, como o famoso Atenodoro de Tarso, preceptor de Augusto, que morreu provavelmente no ano sete depois de Cristo; Zenão, fundador do estoicismo, que nasceu em Cicio de Chipre; o escritor Arato, estóico, que nasceu em Soli, na Cilícia, e outros. O quanto foi esse contato não se sabe, mas as marcas deixadas pela erudição grega o acompanharam na sua vida, tanto que Paulo tornara um orador experiente. Suas habilidades tinham-se tornadas inatas, quase instintivas, com grande força persuasiva (DUNN, 2003, 36; FABRIS, 2001, p. 22; FORBES, 2008, p. 133; O'CONNOR, 2000, p. 49-50; 2008, p. 52). Parece-nos possível aplicar a Saulo a máxima da apologética judaica: "conhece teu inimigo e combate-o com as armas dele" (CONNOR, 2000, p. 60).

Já como *Paulo*[7], como contra ponto do novo modelo de fé, rebela-se contra as filosofias: "Tomai cuidado para que ninguém vos escravize por vãs e enganosas especulações da ´filosofia` [...]" (Cl. 2,8), conformada ao mundo, mas não a Cristo. Também recusa a incorporar a sabedoria mundana na sua pregação apostólica e até considerava que sua pregação não era nada persuasiva e que sua sabedoria não era deste mundo, conforme 1Cor 2,1-6. Admitia sua imperícia no falar, mas não no saber, conforme 2Cor 11,5-6 (HOCK, 2008, p. 171). Mas essas afirmações de Paulo contradizem os recursos da retórica utilizados em defesa do sistema doutrinal do cristianismo, como vimos acima. Podemos citar, por exemplo, um verso do poeta Menandro[8] (ou de Eurípedes), transformado em máxima popular, que se encontra em 1Cor 15,33: "[...] as más companhias corrompem os bons costumes" (HOCK 2008, p. 185).

DE ONDE VEIO PAULO

De ascendência judaica, da linhagem de Israel, a qual remonta, portanto, ao pai de seu povo, Abraão. "Eles são hebreus? Também eu. São israelitas? Também eu. São descendentes de Abrão? Também eu." (2Cor 11,22). Saulo é da tribo de Benjamim da qual ascendeu Saul, o primeiro rei de Israel. E pode ser que esteja aí a origem do nome Saulo. Também essa é apenas uma escolha aleatória para justificar o nome judaico Saul.

Provavelmente seus pais vieram da Galiléia para a região da Cilícia e se fixaram em Tarso. O motivo da mudança de uma família judia para a Ásia grega é incerto, mas pode ter sido por razões econômicas ou por causa da migração de judeus para fora da Palestina que vinha acontecendo desde o século sexto. Em vários lugares do Império Romano havia comunidade organizada, com sua sinagoga, conhecida como diáspora, diz Mesters (1991, p. 15). Mas há também indicação de uma migração forçada, uma diáspora por motivos religiosos ou políticos, como tenta demonstrar O´Connor (2000, p. 47; 2008, p. 27-8).

O'Connor (2008, p. 48) lembra, ainda, que a cidade de Tarso tornou-se um mercado muito atrativo para a venda de escravos em face da demanda de mão-de-obra. Os pais de Paulo certamente estavam incluídos no meio deles. No início do século I d.C. o comércio de escravos esvaziou-se e os que foram libertados podem ter recebido a cidadania romana como prêmio.

No entanto, da família de Paulo é conhecido apenas que em Jerusalém morava uma irmã e um sobrinho (At 23,16). Em Romanos 16,13 "Saudai Rufo[9], este eleito do Senhor, e sua mãe, que é também minha" pode ser apenas uma referência respeitosa a quem o acolheu como mãe, o que não significa que Paulo era irmão de Rufo, ainda que seja apenas por parte de mãe, em face de um segundo possível casamento depois de tornar-se viúva (O'CONNOR 2000, p. 59-60).

A Cidade de Tarso

No primeiro século Tarso era a principal cidade da província da Cilícia, província romana com mais ou menos trezentos mil habitantes[10], na parte oriental da Ásia Menor. Embora localizada a cerca de 16 km no interior, a cidade era um importante porto e o acesso ao mar era fluvial. Ao norte de Tarso erguiam-se as montanhas do Tauro, que forneciam

a madeira que constituía um dos principais artigos de comércio. Sua fértil planície produzia cereais e uvas e, principalmente, o linho para a indústira de roupa. Uma estrada romana passava pelo desfiladeiro nas montanhas, ao norte da cidade, conhecido como Portas Cilicianas, por onde passsaram os exércitos de Ciro e de Alexandre Magno. Era uma cidade de fronteira, um lugar de encontro do Leste e do Oeste, uma encruzilhada para o comércio que fluía em ambas as direções, por terra e por mar (FABRIS, 2001, p. 18-9; O'CONNOR, 2000, p. 48-50; MESTERS, 2004, p. 15).

Não é de admirar, portanto, que Paulo se referisse a Tarso como cidade notável, "cidade insigne" (At 21,39). O´Connnor (2000, p. 49) cita o historiador e geógrafo Estrabão, natural de Amasea, no Ponto, que afirma: (sobre isso ler também Fabris (2001, p. 22):

> os habitantes de Tarso dedicam-se tão avidamente não só à filosofia, mas também a todo o conjunto da educação em geral, que já ultrapassaram Atenas, Alexandria e qualquer outro lugar que possa ser citado onde haja escolas e palestras de filósofos. Mas Tarso é tão diferente das outras cidades que os homens que gostam de aprender são todos nativos, e estrangeiros não costumam demorar-se ali. Nem esses nativos ficam ali, pois completam sua educação no exterior [...] Além disso, a cidade de Tarso tem todos os tipos de escolas e de retórica e, em geral, não só tem uma população próspera, como é bastante poderosa [...].

Em meados dos anos 40 a.C. a província da Cilícia foi desmembrada e incorporada à província da Síria, cuja a capital passou a ser Antioquia. Em 72 d.C, sob Vespasiano, a província da Cilícia foi reconstituída. Tarso foi protagonista na história política de Roma, que marcou a passagem da República para o Império, daí o interesse do imperador Otaviano Augusto pela cidade (FABRIS, 2001, p. 22).

São notórios os reflexos das vistas e das cenas vividas por Paulo em Tarso, opostas às ilustrações rurais de Jesus: sementes, campos, flores. As comparações de Paulo têm origem na vida urbana, da cidade grande. Usa os jogos no estádio para comparar as exigências do Evangelho: ganhar a coroa (1Cor 9,25); perseguir o alvo (Fl 3,12-14); alcançar o prêmio (1Cor 9,24. Fl 3,14); sabe do esforço e da disciplina do atleta (1Cor 9,24-27) (MESTERS, 2004, p. 18). Além de muitas outras citações citadinas, como a que se refere a morada terrestre é insegura em relação a um edifício construído por Deus, casa eterna nos céus, não feitas por mãos humanas

(2Cor 5,1). Toma a palavra grega para teatro e aplica-a aos apóstolos, dizendo: "fomos dados em espetáculo (θ□□□□□□□) ao mundo" (1Cor 4,9).

FORMAÇÃO

Greco-romana

Paulo quase nada diz sobre sua educação inicial e até recusou admitir que seu conhecimento viesse do mundo (1Cor 2,1-4) e disse que era "imperito no falar" (2Cor 11,6), no uso da retórica, "conteúdo e objetivo de grande parte do currículo educacional no mundo greco-romano." No entanto, "[...] suas cartas manifestam um tal domínio da língua grega como também uma familiaridade com as convenções literárias e retóricas da educação grega", que somente podem ser explicados pela sua boa formação escolar, isto é, por alguém que havia passado pela "sequência curricular da educação greco-romana"comprovada pelo seu *status* de aristocrata. Pesquisas recentes demonstram que essa sequência era tripartida (primária, secundária e terciária): aos sete anos as crianças aprendiam a ler, escrever e contar; aos dez ou onze anos aprendiam a gramática e a literatura; aos quinze anos, já na juventude, pouquíssimos deles, estudavam com um filósofo ou estudavam com um orador a retórica (HOCK 2008, p. 171-180), conforme também O'Connor (2000, p. 63-65).

De notar que Paulo, de acordo com o que ele diz sobre sua "letra grande" (Gl 6,11) demonstra que ele passou pelo nível primário da educação. Mas, conforme Ferreira (2005, p. 188-189), letra grande pode se referir a um destaque em negrito ou sublinhado; porque não teria uma grafia bonita; ou porque suas mãos tinham dificuldades para se adaptar à pena de ganso; ou, ainda, por alguma deficiência na visão. Contudo, para Hock (2008, p. 186-188) Paulo teria ultrapassado todas as etapas da educação greco-romana, em vista do uso da composição, de regras da argumentação e da retórica, como fez, por exemplo, na carta a Filêmon sobre Onésimo: começa pelo presente, vai ao passado e finalmente olha para o futuro.

Religiosa

Em Tarso, Paulo foi criado dentro das exigências da Lei de Deus e das "tradições paternas" (Gl 1,14), assim como todo menino judeu. A mãe era a primeira formadora, auxiliada pela frequencia à sinagoga. A escola da

sinagoga ajudava os pais judeus a transmitir a herança religiosa de Israel aos filhos. Era preciso aprender a ler e a escrever a língua do seu povo, estudar a Lei de Deus e conhecer a história e as tradições religiosas, (2Tm 1,3-5; 3,14-15). Tarefa muito mais difícil para um menino pertencente a uma minoria religiosa que tinha de viver em dois mundos: o mundo do ensino religioso (a Septuaginta, dos judeus helenistas) e o do treinamento da retórica pagã e que, aos treze anos, quando tecnicamente um judeu se tornava uma pessoa responsável, era obrigado a obedecer as "observâncias que formavam a base de sua identidade" (MESTERS, 2004, p. 17; O´CONNOR 2000, p. 61-3; 67).

Paulo foi complementar sua educação no exterior, como normalmente fazia os estudantes de Tarso. Talvez Lucas quisesse ligar Paulo a Jerusalém, onde de fato recebeu parte de sua educação, porque considerava que dali deveria partir as missões do ministério de Jesus. Em Jerusalém o ensino certamente guardava semelhanças com o de Tarso, considerando que toda a região da Palestina tinha passado pela helenização (O'CONNOR, 2001, p. 61-2). Mas, com relação à formação religiosa, Paulo diz que foi criado em Jerusalém "educado aos pés de Gamaliel[11] na observância exata da Lei de [seus] pais [...]" (At. 22,3). Como já dissemos, fariseu, quanto à Lei, por opção. Portanto, entender que espécie de povo eram os fariseus é muito importante para história da conversão de Paulo.

Fariseus (do hebraico perushim) significam separados ou separadores ou, também, os sábios que interpretam ou comenta a Lei. Concebiam o judaísmo como uma religião centrada na observância da Lei. Os seus ensinamentos foram importantes para os judeus da diáspora durante episódios críticos de sua história. Defendiam a existência dos anjos e a ressurreição dos mortos, crenças que foram adotadas pelos cristãos (MIRANDA; MALCA, 2001, p 55-6).

PERSEGUIÇÃO AOS CRISTÃOS

Os textos compulsados não nos levam a convicções firmes e irrefutáveis. Mas, a partir deles, podemos sugerir que Paulo tenha decidido defender, ou desenvolver, a fé em um único Deus, professada no Schemá[12] desde a sua juventude: "Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh" (Ex. 6,4); "Não terá outros deuses diante de mim" (Ex 20,3); um Deus invisível, do qual não se pode ser feita imagem (Ex 20,4) e para ele não se pode olhar (Ex 33,20). Essa era a crença mais fundamental para o povo judeu, que acreditava ter sido escolhido por Deus para ser seu povo:

"Pois tu és um povo consagrado a Iahweh teu Deus [...]" (Dt 7,6; 32,8-9), conforme Dunn (2003, p. 59; 72-3).

Assim como em Alexandria e em Roma, havia, também, em Jerusalém sinagogas onde os judeus se reunião para estudar semanalmente a Lei e aprendê-la com exatidão ou para estudar as filosofias de seus pais. Por isso, não é difícil entender porque os cristãos eram denunciados, conforme os relatos dos Evangelhos sobre curas nas sinagogas, geralmente nos sábados (Mc 1,21-28; 3,1-6; Lc 13,10-17). O sábado era muito importante para os fariseus, "uma pedra de toque da observância judaica", portanto, muito vulnerável para os seguidores de Jesus. Nesse contexto, de observância da Lei, "é fácil visualizar Paulo indo denunciar com irritação aqueles cuja divisão ele considerava uma ameaça à sobrevivência do povo judeu" (O'CONNOR, 2001, p. 82; 89).

Esta sua fé "valia mais que sua vida: ouro maciço, puro, sem mistura, isenta de qualquer sincretismo. Por ela seria capaz de morrer e sem ela não poderia viver" (FLORES, 1996, p. 21). Certamente esta convicção de Paulo o fez hostilizar a "heresia" propagada pelos apóstolos de que Jesus, um carpinteiro da Galiléia, era "o Filho de Deus". Fez, ainda, declarações claras de que perseguia de morte o Caminho[13], desejava a extinção dos seguidores de Jesus (At 22,4). Tinha razões para isso, pois dispunha de argumentos convincentes para amaldiçoar um condenado que morresse suspenso numa árvore (Gl 3,13, conforme Dt 21,23).

Essas são algumas das muitas razões que contribuíram para a perseguição dos cristãos. Paulo não mediu esforços para colocar um ponto final na crença em Jesus, o Ressuscitado e trazer para Jerusalém todos, homens e mulheres, pertencentes ao Caminho (At. 9,1-2; 22,4-16). Lucas põe na boca de Paulo estas palavras:

> [...] parecia-me necessário fazer muitas coisas contra o nome de Jesus, o Nazoreu. Foi o que fiz em Jerusalém [diz Paulo]: a muitos dentre os santos, eu mesmo encarcerei nas prisões, recebida a autorização dos chefes dos sacerdotes; e, quando eram mortos, eu contribuía com o meu voto. Muitas vezes, percorrendo todas as sinagogas, por meio de torturas quis forçá-los a blasfemar e, no excesso do furor, cheguei a persegui-los até em cidades estrangeiras (At 26,9-11).

CONVERSÃO

Agora conhecendo um pouco quem era Paulo, sua formação socio-cultural e religiosa, voltemos à pergunta inicial que motivou este

artigo. Se Paulo estava cheio de zelo por Deus (At 22,3) por que então ele se converteu à doutrina dos seguidores de Jesus?

A Difícil Observância da Lei

Talvez tenhamos de começar pela dificuldade que os judeus tinham em alcançar o ideal de justiça prescrita pela Lei. Lei se refere quase sempre a Tanak, a Torá judaica, que Paulo observou com princípio de sua vida antes que Deus revelasse nele seu Filho (Fl 3,4-6; Gl 1,3-15), diz Sanders (2009, p. 16). Lembrando que a Aliança que acolhe e justifica, isto é, a gratuidade, é de iniciativa de Deus, "que já vinha marcando a vida do povo desde a reforma de Esdras em 398 antes de Cristo (Ne 8,1-18; 10,29-30)", conforme Mesters (2004, p. 21).

Apesar dessa gratuidade, conforme se verifica na libertação do povo hebreu das mãos dos egípcios (Ex 19,4; Dt 5,15), e na promessa de fidelidade e prosperidade a esse povo eleito (Dt 4,31-32;. 7,7-8; 8,17-18), Iahweh exige a observância de algumas condições conforme Ele ordenou (Ex 19,5-6; Ex 20,1-17; Dt 4,39-40; 5,15b-21; 6,25; 8,19-20): Iahweh é o único Senhor; guardar o sábado; não matar, não roubar... Daí o entendimento de que o esforço humano poderia resultar em graça: cumpro a Lei e Deus tem de fazer o que Ele prometeu. Dessa forma, os judeus "esperavam poder superar, um dia, a própria fraqueza, chegar à observância perfeita da Lei e, assim, alcançar a justiça" (MESTERS, 2004, p. 21).

Paulo também tinha a esperança de ser justo, porquanto dizia que era irrepreensível quanto à justiça que há na Lei (Fl. 3,6) "Mas chegou o momento de ele descobrir que o ideal da observância não era capaz de levá-lo a Deus" (MESTERS, 2004, p. 21).

Sanders (2009, p. 190-1) diz que a crítica de Paulo ao judaísmo se refere à sua religião nativa como tal e

> abrange o que o judaísmo é por definição. "Paulo não diz que a lei era impossível de ser praticada por alguns e que portanto é inadequada como meio de justificação; tampouco diz que a sua prática leva à autojusitificação por parte de alguns. [...], a impossibilidade e a autojustificação não figuram absolutamente em suas afirmações sobre a lei (exceto na afirmação extrema da incapacidade carnal em Rm 7,14-25.

Por isso, sua crítica ao judaísmo está relacionada à falta de fé em Cristo e à falta de igualdade para os gentios, conforme Rm 9,30-31: "Que

diremos, então? Que os gentios, sem procurar a justiça, alcançaram a justiça, isto é, a justiça da fé, ao passo que Israel, procurando uma lei de justiça, não conseguiu esta Lei."; Rm 10,13: "Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo".

Sanders (2009, p. 15-17) reconhece que a questão da atitude de Paulo perante a lei é difícil e que horas de trabalho foram gastas por estudiosos e não produziram consenso. Por conseguinte, neste trabalho, estamos simplesmente repetindo algumas convicções de Paulo, constantes de suas cartas, como Jesus Cristo foi enviado por Deus para a salvação de todos, seja judeus ou gregos, com base em uma fé comum, em Jesus, conforme é expressado em Rm 3,21-30: Deus expôs Jesus Cristo como instrumento de purificação, seu sangue cumpre o rito da Aliança com Moisés [Ex 24,8] e não há motivo de glória por força da Lei ou das obras, porquanto o homem é justificado pela fé. .

Estêvão no caminho de Saulo

No Sinédrio, em Jerusalém, Estêvão, seguidor do Caminho, discute abertamente acerca da história da salvação, começando pela aparição de Deus a Abraão (Gn 12,1), passando por Moisés até a construção do Templo por Salomão (1Rs 6,2). Neste ponto, afirma que o Altíssimo não habita em moradas feitas por mão de homem (At 7,48) e os acusa de cerviz, incircuncisos de ouvido e coração, resistentes ao Espírito Santo e homicidas (At 7,51).

Ele ainda declarou que viu "os céus abertos e o Filho do Homem, de pé, à direita de Deus" (At. 7,56). A dureza do discurso de Estêvão lhe causou a sentença de morte. Saulo, provavelmente seu companheiro na escola de Gamaliel, viu e ouviu tudo, mas teria concordado com a execução de Estêvão, segundo relata Lucas em Atos 8,1: "Ora, Saulo estava de acordo com a sua execução. Naquele dia, desencadeou-se uma grande perseguição contra a Igreja de Jerusalém [...]".

Paulo é Alcançado por Deus

Na escalada para calar a voz de Estêvão, ou a voz de sua própria consciência, como sugere Mesters (2004, p. 23), Paulo é alcançado e derrubado por Deus na estrada de Damasco. Lucas faz três relatos pormenorizados da conversão de Paulo: Em Atos. 9,3-9 e 22, 6-11 lê-se que Paulo caminhava e aproximava-se de Damasco, quando foi envolvido

por uma luz. Caído no chão e sem enxergar, Jesus chama-o e manda-o procurar Ananias para abrir-lhes os olhos. Em Atos 26-12-17 todos os seus companheiros são rodeados pela luz e caem por terra. Aqui é Paulo quem deve abrir os olhos dos que estão nas trevas.

Uma Luta entre Desiguais

Esta, no entanto, não foi uma mudança tão suave como descreve Lucas. Paulo diz que foi arrancado da comodidade uterina [conforme 1Cor 15,8], foi derrubado e não pode se defender dos aguilhões, nem mesmo sabe com quem estava lutando. Não resistiu a tanta luz e ficou cego, Por fim, foi obrigado a se render: "Senhor, que devo fazer?" (At 22,10). "Ele [o Senhor], contudo me disse: 'Vai, porque é para os gentios, para longe, que quero enviar-te' (At 22,21).

Encontro com Jesus, o Ressuscitado

Paulo diz que aquele que o separou desde o seio materno, houve por bem revelar em mim o seu Filho (Gl. 1,15-16) e que Jesus Cristo o alcançou (Fl. 3,12). E mais: "Acaso não vi Jesus nosso Senhor?" (1Cor. 9,1). De acordo com O´Connor (2000, p. 92) a dificuldade se situa no reconhecimento de Jesus, pois Paulo não O conheceu fisicamente, mas pode ter criado uma imagem mental de Jesus a partir do que leu sobre Ele. Esta convicção em sua mente farisaica de que o Jesus crucificado por Pôncio Pilatos tinha ressuscitado lhe fizera refletir sobre a possibilidade de ser Ele o Messias. Se isto é verdade, a atitude de Jesus sobre a Lei também passa a ser correta. "O que a Lei estabeleceu como pré-requisito da salvação não tinha mais validade" (O´CONNOR, 2000, p. 92).

Pensando assim, como ele [Paulo] obtivera a graça, mesmo tentando impedir o plano divino de salvação, os que a Lei excluíra também poderiam ter acesso a ela [graça]. Por conseguinte, o "encontro com Jesus Cristo revelou a verdade do que ele outrora considerava falso". Também aqui encontramos a Lei como sinal de descontentamento de Paulo. A prescrição da Lei não poderia ser obstáculo à salvação dos pagãos, à uma salvação universal; "eles podiam ser salvos sem se tornarem judeus." (O´CONNOR, 2000, p. 92-3).

Sobre isso, de acordo com o entendimento de alguns que tinham vindo da "seita dos fariseus" de que era preciso circuncidar os gentios para que se cumprisse a Lei mosaica, Pedro chegou a protestar contra

esse princípio legal: "Agora, pois, porque tentais a Deus, impondo ao pescoço dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós pudemos suportar?" (At 15,10). Em Gálatas (2,1-3) tem-se que Paulo, junto com Barnabé e Tito (grego e pagão, que não fora circuncidado), foi por conta própria a Jerusalém apresentar aos 'notáveis' o Evangelho que ele pregava aos gentios. Paulo quis mostrar que "não existe para os cristãos a sujeição à Lei judaica. Desta os cristãos estão livres", arrazoa Ferreira (2005, p. 49-51; conforme também Fabris (2010, p. 229-230; 243-247). Paulo chega perguntar "E qual a utilidade da circuncisão?" (Rm 3,1).

Essa tensão teológica, se assim podemos dizer, pôde ser notada e explorada por Paulo porque havia apropriação de Deus como Deus apenas de Israel: "[...] ele fixou fronteiras para os povos, conforme o número dos filhos de Deus; mas a parte de Iahweh foi o seu povo, o lote da sua herança foi Jacó" (Dt 32,8-9). No entanto, em Amós (9,7) encontramos assim escrito: "[...] Não fiz subir Israel da terra do Egito, os filisteus [...] e os arameus? (O Senhor Iahweh junta a Israel os filisteus e os arameus. Os israelitas não devem prevalecer-se de sua eleição) e em Jonas (4,11) "e eu não terei pena de Nínive [...], onde há mais de cento e vinte mil seres humanos" nota-se aqui universalidade da misericórdia divina. Paulo então, interpela: "Deus é Deus só dos judeus, não é também dos gentios? É certo que também é dos gentios, pois há um só Deus" (Rm 3,29-30) (DUNN, 2003, p. 72-3).

De notar que as diferenças entre as pessoas desaparecem. Em Abraão, são abençoadas todas as nações, "de modo que os que são pela fé são abençoados juntamente com Abrão que teve fé" (Gl 3,8-9; Rm 4,9). Paulo (Gl 3,23-29) diz que pela fé não estamos mais sob a lei (pedagogo), todos são filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Não há judeu nem negro, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher. Ferreira (2005, p. 103-27) diz que Paulo abriu as fronteiras do cristianismo na "esfera racial, com implicações religiosas e culturais; na social, com implicações civis; e abertura de fronteiras na esfera sexual. Portanto, para Paulo a fé em Jesus, o enviado de Deus, é axial.

CONCLUSÃO

À maneira de conclusão, é possível dizer que embora o pensamento paulino fosse em boa parte judaico, na perspectiva escatológica: as nações como oferta agradável, santificada pelo Espírito, como demonstra em Rm 15,16, Paulo introduziu os "gentios no povo de Deus de tal modo que a

igreja, tanto na sua compreensão como na sua prática, tornou-se com efeito terceira entidade" conforme Sanders (2009, p. 243-9), mesmo que não tenha sido intencional. Nega a doutrina judaica tradicional da eleição e apela para a aliança de Deus com Abraão que tem correspondência em Cristo. Outro ponto no qual se nota a ruptura é especialmente a clara insistência em que é pela fé em Cristo, não pela aceitação da lei, que se entra para o povo de Deus. Portanto, duas bases comuns são negadas: a eleição de Israel e a fidelidade à lei mosaica (Gl 3,8; 21; 2,21) como modelo de salvação. A Igreja é para todos: gregos e judeus, escravos e livres, homens e mulheres. É do plano de Deus ter misericórdia de todos, pela fé em Cristo.

De outro ponto de vista, pode, também, ajuizar que durante a viagem para Damasco, distante 240 Km de Jerusalém, Paulo tenha tido tempo suficiente para reorganizar suas ideias, refazer conceitos sobre os cristãos. E a execução de Estêvão é um dado interessante para a reconstrução de sua percepção salvífica. Em Atos 26 nota-se o peso de uma consciência carregada de atos e fatos negativos que afloraram na mente paulina. Teria ele lembrado do ambiente helenístico de Tarso mais tranqüilo, onde tinha passado boa parte de sua vida? O farisaísmo lhe parecia duro demais em relação ao que esperava de uma cidadania libertadora, sem violência? São apenas questões que parecem não encontrar as respectivas respostas.

THE PAUL'S CONVERSION

Abstract: *the challenge of this article is try to show the reasons that led up to conversion of Paul without, however, at the same time resisting the temptation of presenting a classic conclusion on the subject. We raise the issue of the Law, linked to it´s rigorous fullfillment demanded by the pharisaic segment. Paul denies two common principles as model of salvation: the election of Israel and the fidelity to the Mosaic Law (Gl. 3, 8; 21; 2,21). The Church is for all: Jews and Greeks, slaves and the free ones, males and females. The plan of God is to be merciful on everyone, by the faith in Christ.*

Keywords: *Paul. Law. Conversion. Tars City. Estevan.*

Notas

1 Os textos utilizados neste trabalho são todos da Bíblia de Jerusalém. São Paulo: PAULUS, 2002.

2 Nome judaico derivado de *Saul* , nome do primeiro rei hebreu que pertencia à tribo de Benjamim (At 7,58; Fl 3,5), que foi trazido para o grego como Paulo e Paulus no latim, que significa pequeno, fraco, conforme Quesnel (2004, p. 35).

3 Para saber mais sobre a retórica paulina ler Forbes (2008. p. 113-46).

4 *Θεοϋ μίμημα λαχόντες*

5 Notas de rodapé *f* e *g*, p. 1935 e *d*, p. 2079, da Bíblia de Jerusalém. São Paulo: PAULUS, 2002.

6 Disciplina rígida (ataraxia) que leva a alma, pelo equilíbrio e moderação na escolha dos prazeres sensíveis e espirituais, a atingir o ideal supremo de felicidade, de liberdade. "O nome 'estoicismo' deriva de uma extensa colunata na Ágora em Atenas, que por causa de seus afrescos é chamada de στοά ποικλή ("pórtico colorido"). Sobre isso ler Klauck (2011, p. 95-6).

7 Do latim paullus que significa "pequeno"

8 Nota de rodapé *e* p. 2014, da Bíblia de Jerusalém (2002).

9 Rufo pode ser o filho de Simão de Cirene e irmão de Alexandre, conforme Mc 15,21.

10 "No século IV A.C Xenofonte chamou Tarso de "uma grande próspera cidade", descrição que continuou verdadeira bem depois do tempo de Paulo, como Dion Crisóstomo atesta ao falar aos habitantes de Tarso: "Vosso lar está em uma grande cidade e ocupais uma terra fértil, [...]; além disso, Tarso é a capital de todo o povo da Cilícia (Discursos 33,17; cf. 34,7)" (O'CONNOR, 2000, p. 48).

11 Era neto de Hillel, um dos maiores rabinos judeus. A escola de Hilel era a mais liberal das duas principais escolas de pensamento entre os fariseus. Em Atos 5,33-39 temos um vislumbre de Gamaliel, descrito como "acatado por todo o povo."

12 □□□ nome das três passagens bíblicas: Dt. 6,4-9; 11,13-21 e Nm. 15,37-41, que proclamam os princípios da fé na unicidade de Deus e são recitadas nas orações diárias (Dicionário Hebraico-Português, 2003).

13 "designa a conduta do homem ou [...] da comunidade dos fiéis. O uso do AT (salmo 119,1) adquire um valor novo de conformidade com Cristo [...]. Jesus chamou a si mesmo de Caminho [...]" , conforme nota de rodapé *h,* (At 9,2) p. 1916, da Bíblia de Jerusalém (2002).

Referências

BÍLBIA DE JERUSALÉM, nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BEREZIN, Rifka. *Dicionário Hebraico Português*. São Paulo: Edusp, 2003.

DUNN, James D.G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.

FABRIS, Rinaldo. *Paulo*: apóstolo dos gentios. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

FERREIRA, Joel Antônio. *Gálatas*: a epístola da abertura de fronteiras. São Paulo: Loyola, 2005.

FLORES, José H. Prado. *O segredo de Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996.

FORBES, Christopher. Paulo e a comparação retórica. In: SAMPLE, J. Paul (Org.). *Paulo no mundo greco-romano*: um compêndio. São Paulo: Paulus, 2008.

HOCK, Ronald F. Paulo e a educação greco-romana. In: SAMPLEY. J. Paul (Org.). *Paulo no mundo greco-romano*: um compêndio. São Paulo: Paulus, 2008.

KLAUCK, Hans-Josef. *O entorno religioso do cristianismo primitivo*: culto aos governantes e imperadores, filosofia, gnose. v. II. São Paulo: Loyola, 2011.

MESTERS, Carlos. *Paulo Aposto*: Um trabalhador que anuncia o Evangelho. 8ª. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

MIRANDA, Evaristo E. de e MALCA, José M. Schorr. *Sábios Fariseus*: reparar uma injustiça. São Paulo: Loyola, 2001.

O´CONNOR, Jerome Murphy. *Paulo, Biografia Crítica*. São Paulo: Loyola, 2000.

O´CONNOR, Jerome Murphy. Jerome Murphy. *Jesus e Paulo*: vidas paralelas. São Paulo: Paulinas, 2008.

QUESNEL, Michel. *Paulo e as origens do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2004.

RUBIO, Alfonse García. *Elementos de Antropologia Teológica*. 3a. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

SANDERS, E. P. *Paulo, a Lei e o Povo Judeu*. São Paulo: Paulus, 2009.